

Memória e perspectivas da semiótica no Brasil

Lucia Santaella

Doutora; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
lbraga@pucsp.br

Resumo

Na concepção peirciana, ciência é aquilo que os cientistas vivos estão fazendo. Por isso, ciência não se confunde com conhecimento já colocado em prateleiras, mas se refere sim àquilo que está em processo de desenvolvimento e de continuidade. Tomando essa concepção como lema, o objetivo deste artigo é desenhar as linhas de força daquilo que os semioticistas atuantes estão realizando para manter viva a semiótica como campo do conhecimento e da pesquisa em ação no Brasil. Para isso, serão buscadas as principais sementes e alguns fios genealógicos que foram conduzindo os estudos até suas condições atuais. Ênfase será colocada nas instituições que dão guarida e garantem a legitimidade e visibilidade dos trabalhos realizados pelos pesquisadores e seus grupos. Portanto, não se trata aqui de levantar a produção específica, ou seja, colocar em discussão o conteúdo teórico bibliográfico dos autores semioticistas tanto brasileiros quanto internacionais que tiveram suas obras traduzidas no país. Trata-se, isto sim, de cartografar, colocando em relevo as linhas, tendências e os diferentes grupos de trabalho que brotaram em algum momento do tempo e que tiveram força suficiente para se manterem ativos, apontando com alguma segurança para perspectivas de continuidade no futuro.

Palavras-chave

Memória. Pesquisa. Semiótica. Instituições.

1 Introdução

O que pretendo apresentar neste artigo não é um panorama da história da semiótica no Brasil. Portanto, este texto não tem uma intenção documental. Em lugar disso, este artigo irá desenhar alguns campos de força da semiótica no país, aqueles que não sofreram ruptu-

ras e descontinuidades, mantendo-se vivos do passado ao presente. Portanto, o que interessa não é buscar fontes que nasceram e morreram. Embora, certamente tenham deixado vestígios, estes se tornaram frágeis ao perderem os fios de sua continuidade.

Não se tem igualmente qualquer intenção de levantamento bibliográfico das principais publicações realizadas por semioticistas brasileiros ou dos textos internacionais traduzidos para o português. Isso implicaria um outro tipo de trabalho que, inclusive, teria por tarefa evidenciar que muitos daqueles que abraçaram fervorosamente a semiótica no período de *boom* dessa área de pesquisa no mundo e no Brasil, nos anos 1970-80, não tiveram muita dificuldade, por uma ou outra razão, de abandoná-la quando esse *boom* feneceu, o que não implicou, felizmente, no declínio da relevância da permanência dos estudos semióticos, especialmente por seu caráter interdisciplinar e revelador das minúcias contextuais, significativas e interpretativas dos códigos e sistemas de linguagens. Portanto, o que se pretende aqui, e que vale a pena deixar bem claro de saída, é cartografar os fios condutores dos semioticistas e seus grupos de trabalho que têm contribuído para manter a semiótica viva em solo brasileiro, com alguns apontamentos acerca de sua genealogia e de suas perspectivas de continuidade.

2 A semiótica de extração peirciana

Um número de estudiosos de renome internacional visitou o Brasil no final da década de 1960 para dar palestras e seminários. Entre eles estavam: Nicolas Ruwet, Abraham Moles, Max Bense, Roman Jakobson, Umberto Eco, e Tzvetan Todorov. Mais do que quaisquer outras, as palestras de Jakobson provocaram um efeito profundo e generalizado sobre os meios universitários intelectuais e artísticos. Algum tempo depois de sua visita, um volume contendo uma série de artigos de Jakobson (1971) foi traduzido e publicado em São Paulo. Não havia estudiosos brasileiros no campo das ciências humanas que, então, não tivessem o livro sempre à mão para discussão com colegas. As visitas desses pensadores foram um marco que abriu as portas para o surgimento de um espírito de renovação que, na década de 1970, emergiu não só na mente acadêmica individual, mas também nas instituições universitárias, nas editoras, e até mesmo nos jornais culturais.

No que diz respeito à recepção da semiótica de C. S. Peirce no Brasil, vale a pena considerar que a recolha de textos traduzidos de Jakobson continha *Em busca da essência da linguagem*, um texto que teria grande influência sobre os estudos de Peirce no país. Na

verdade, Jakobson, e antes dele, Max Bense, ambos divulgaram o pensamento de Peirce em suas palestras no Brasil, deixando atrás de si o grande interesse que a semiótica peirciana despertou na mente dos poetas concretos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que também eram teóricos, críticos e muito ativos na vida intelectual brasileira.

Na década de 1960, Pignatari já era professor na Escola Superior de Desenho Industrial no Rio de Janeiro. Os alunos eram principalmente arquitetos, e foi no campo da arquitetura que Pignatari deu os primeiros passos em direção a uma teoria semiótica peirciana voltada para o design, a arquitetura e a comunicação. Alguns anos mais tarde, ele foi convidado a ensinar na Escola de Arquitetura, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Depois de sua visita, uma nova área de estudo foi criada nessa escola voltada para a compreensão da teoria de informação e da teoria dos signos.

Essas foram as primeiras sementes que viriam florescer alguns anos mais tarde, no início dos anos 1970, quando Haroldo de Campos e Décio Pignatari se tornaram professores no programa de pós-graduação em Teoria da Literatura na Universidade Católica de São Paulo. Em 1978, esse programa foi expandido para Comunicação e Semiótica. Assim, por meio de Pignatari e de Haroldo de Campos, que já haviam publicado uma bela síntese da teoria de signos de Peirce, na introdução ao livro *Pequena estética* de Bense (1971), o interesse na obra de Peirce começou a se espalhar entre os alunos desse programa. Já em 1972, seminários sobre o trabalho de Peirce foram desenvolvidos e sua teoria dos signos aplicada às artes, música, arquitetura, literatura e também a fenômenos de comunicação de massa. Nesse mesmo ano, Cultrix, uma importante editora em São Paulo, trouxe à luz a primeira pequena coleção de traduções de textos de Peirce, sob a organização de dois lógicos brasileiros, Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg (PEIRCE, 1971). Em função disso, alguns dos escritos de Peirce chegaram a leitores brasileiros com rapidez surpreendente e promissora.

Os volumes contendo traduções de escritos peircianos não pararam aí. Foram seguidos em 1974, pela publicação de um volume da coleção *Os Pensadores* (PEIRCE, 1974). Isso trouxe Peirce, entre outros filósofos, para as bancas de revistas nas ruas de cidades brasileiras, nas quais a coleção era vendida. O volume passou, depois disso, por inúmeras reedições. Em 1977, foi a vez de a editora Perspectiva apresentar um volume mais substancial de textos peircianos (PEIRCE, 1977). Portanto, já na década de 1970, antes mesmo que traduções de textos peircianos tivessem aparecido em outros países da Europa e

América Latina, no meio brasileiro, já contávamos com três livros de traduções de escritos de Peirce.

A principal razão, entretanto, deve ser encontrada no fato de que, já em 1972, um grupo de estudantes de mestrado e doutorado, todos eles orientados para a semiótica de Peirce, tiveram sua formação em torno de Decio Pignatari na Universidade Católica de São Paulo. Desde então, especialmente depois que o programa de pós-graduação originalmente em Teoria Literária foi convertido em um programa de Comunicação e Semiótica – 1978 –, foram e continuam a ser defendidas nesse programa mais de uma centena de dissertações de mestrado e teses de doutorado que aplicam Peirce a uma variedade de assuntos, da literatura, as artes e a música aos fenômenos culturais e de comunicação.

Em 1996, Lucia Santaella fundou o Centro Internacional de Estudos Peirce (CIEP) na Universidade Católica de São Paulo (SANTAELLA, [20--]). Além de promover conferências públicas abertas ao longo do ano escolar, o Centro é composto por Grupos Temáticos de estudo, cujos membros se reúnem regularmente para colaborar nas suas investigações. O Centro tem três linhas de pesquisa: semiótica teórica, semiótica e estudos interdisciplinares, semióticas específicas. Estas linhas são distribuídas em sete diferentes grupos de estudo. Cada grupo realiza eventos durante todo o ano, tais como palestras, seminários e fóruns de discussão abertos ao público em geral. A participação nestes grupos é aberta a estudantes da Universidade Católica de São Paulo e a outras pessoas interessadas no pensamento de Peirce.

De acordo com seu perfil, o Centro tem como objectivo apoiar uma ampla gama de estudos para aqueles que:

- a) buscam inspiração em Peirce só para alcançar um conhecimento introdutório sobre o seu pensamento;
- b) querem penetrar nos meandros da teoria geral dos signos, com vista à sua aplicação a uma variedade de processos de comunicação;
- c) buscam solidificar e apoiar seus métodos de investigação em um conceito amplo da lógica como sinônimo para a semiótica;
- d) querem refletir sobre os fundamentos ontológicos e epistemológicos do universo de signos e comunicação;
- e) desejam explorar as interfaces semióticas com outras áreas do conhecimento, particularmente a filosofia em geral e a filosofia da linguagem em particular, bem

como com os estudos cognitivos e psicanalíticos, ambos inextricavelmente entrelaçados no tecido dos signos;

f) desejam se tornar especialistas na semiótica de Peirce.

Em suma: a obra de Peirce parece ser suficientemente ampla, multifacetada, dialógica e internamente consistente para atender a todos esses interesses. Atualmente, o Centro está sob a direção executiva de Priscila Borges, Roberto Chiachiri e Daniel de Melo Ribeiro. Desde a sua abertura, a cada ano, uma Jornada é realizada com a participação de pesquisadores, estudantes e ex-alunos. A cada dois anos, a Jornada é acompanhada pelo Seminário Avançado de Filosofia e Semiótica de Peirce. Estes seminários têm contado com a participação de especialistas internacionais, entre os quais Vincent Colapietro e Fernando Andacht os quais têm estado repetidamente presentes. Deliberadamente esses eventos têm sido pequenos, porque a cada segundo ano um tema é escolhido para ser estudado em profundidade. Estes seminários têm uma publicação, os Cadernos das Jornadas, que são entregues aos participantes antes do início do seminário, para que eles possam ter tempo para ler e estudar o assunto, a fim de permitir um debate mais rico.

Também voltado para os estudos de Peirce, mais direcionados para a filosofia, encontra-se o Centro de Estudos em Pragmatismo. Nos anos 1970, Lauro Frederico Barbosa da Silveira era professor do departamento de filosofia na Universidade Católica de São Paulo. Como um especialista na filosofia de Peirce, ele estendeu o seu conhecimento para seus mestrandos e doutorandos. Na década de 1980, Silveira se mudou para a Universidade do Estado de São Paulo, em Marília, onde continuou a espalhar o pensamento de Peirce, inclusive criando uma espécie de escola dedicada ao pensamento de Peirce em Marília. Ivo Ibri foi um dos seus alunos, tendo defendido sua tese sobre a metafísica e cosmologia peircianas em 1986.

Desde 1997, Ivo Ibri, já professor de Filosofia na Universidade Católica de São Paulo, também foi incorporado ao programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, no qual ele ministra cursos relacionados com Peirce a cada semestre. Em 1998, Ibri fundou o Centro de Estudos de Pragmatismo CEP (CENTRO DE ESTUDOS..., [20--]), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Católica de São Paulo. Este Centro nasceu para congregar investigadores e estudantes interessados no pragmatismo clássico e contemporâneo. A cada ano o Centro organiza seus Congressos Internacionais de Pragmatismo que tem atraído um grande número de especialistas em Peirce de várias partes do mundo.

3 Os estudos greimasianos no Brasil

Segundo nos informa Barros (1999), a linha de investigação semiótica de raiz greimasiana tem seus principais e mais antigos núcleos em São Paulo, na Universidade de São Paulo - USP, sobretudo na pós-graduação em Linguística, na Escola de Comunicações e Artes - ECA, e na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Araraquara e em São José do Rio Preto. Nessas universidades formou-se a maioria dos pesquisadores em Semiótica greimasiana no Brasil e desenvolveu-se grande parte dos projetos de pesquisa na área. Em 1973, constituiu-se, com pesquisadores dessas instituições, um Centro de Estudos Semióticos que teve papel inegável na formação de pesquisadores e na divulgação dessa linha de pesquisa semiótica. Há atualmente outros grupos que merecem destaque, na PUC-SP (com um Centro de Estudos Sociosemióticos muito ativo), nas universidades federais do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Minas Gerais (UFMG) e Fluminense (UFF), na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Assis e na Universidade de Londrina (UEL). Nessas universidades, a semiótica é parte integrante de disciplinas no campo da comunicação, literatura e linguística e, portanto, de pesquisas levadas a cabo por professores orientadores de mestrandos e doutorandos que vão garantindo a continuidade no tempo da linha de estudos na semiótica greimasiana no Brasil. Ainda de acordo com Barros (1999), três direções têm sido empreendidas no país:

- a) a primeira tem se voltado para a sintaxe e a semântica do discurso, com estudos que examinam principalmente as estratégias discursivas;
- b) a segunda direção congrega estudos que reveem a concepção e organização do nível fundamental dos discursos, a partir de estudos sobre figuratividade e a tensividade do esquema profundo;
- c) a terceira diz respeito aos estudos de uma semiótica específica – discursos visuais, gustativos, poéticos, estéticos, como também da canção popular, da música, da pintura, do cinema.

É na segunda direção apontada por Barros que se encontram os estudos relacionados ao campo da Semiótica Francesa que tem sido chamado de “Semiótica Tensiva”. Esses estudos se colocam na linha de evolução interna da semiótica greimasiana que caminhou para a semiótica das paixões e para a semiótica tensiva. Um grande número de publicações, dedicadas às três direções apontadas acima, tem surgido no Brasil, tanto de autores internacionais quanto nacionais.

Bastante ativo tem sido, ao longo dos anos, o Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), com sede preferencial na Universidade Católica de São Paulo. Esse Centro tem como objetivo desenvolver pesquisas e análises que clarifiquem os conteúdos, o funcionamento e os modos de produção e apreensão da significação nos diferentes discursos e práticas sociais. Desde sua fundação, em 1994, por iniciativa de pesquisadores do *Centre National de la Recherche Scientifique* e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), o CPS funciona como um centro interinstitucional.

O campo da semiótica discursiva, também chamada de semiótica estrutural, semiótica francesa ou sociossemiótica (como passou a ser adotada na nomeação do Centro) - teve seu nascedouro nas postulações de Algirdas Julien Greimas, no final dos anos 1960, e foi desenvolvida como uma arquitetura teórica e metodológica pela ação conjunta de um grupo de colaboradores, dentre os quais Eric Landowski, que alicerça esse agrupamento brasileiro. A partir da iniciativa de Eric Landowski, José Luiz Fiorin e Ana Claudia de Oliveira, o CPS foi formado, cadastrado na PUC-SP e no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como centro de pesquisa. Hoje, o CPS congrega pesquisadores das mais diferentes áreas vinculados a universidades e instituições de pesquisa de várias regiões do Brasil. Suas reuniões anuais, suas palestras internacionais e seus respectivos grupos de estudo congregam-se na sede na Universidade Católica de São Paulo tendo em vista promover discussões em torno das investigações semióticas realizadas. As atividades regulares do CPS dividem-se em quatro grandes frentes.

- a) a primeira delas visa à pesquisa propriamente dita. Esta é desenvolvida coletivamente no interior dos ateliers, grupos de estudo, discussão e investigação, nos quais os membros do CPS reúnem em torno de grandes linhas temáticas. Os ateliers são renovados a cada ano em função dos interesses de pesquisa dos antigos e novos membros do CPS;
- b) a segunda compreende as atividades de formação e atualização de pesquisadores. Estas envolvem a promoção de ciclos de estudo, jornadas, seminários, conferências e cursos ministrados por especialistas do país e do exterior ou por membros do próprio CPS;

- c) a terceira compreende análises de mercado e de consumo por meio de pesquisas e de consultorias prestadas junto a agências de publicidade, empresas e instituições para estudo semiótico da identidade institucional, de marcas e de produtos;
- d) o CPS conta também com uma editora que responde pela sua quarta frente de trabalho: a publicação dos resultados mais relevantes de suas pesquisas e dos trabalhos de semioticistas, brasileiros e estrangeiros, incluindo tanto as investigações mais recentes quanto os textos que já se tornaram referência obrigatória no campo da semiótica discursiva. É hoje muito grande o número de publicações realizadas pelo Centro. Como parte de suas atividades regulares, o CPS realiza um colóquio anual para divulgação e debate das pesquisas desenvolvidas pelos ateliers no ano em curso, ocasião em que a maior presença dos participantes é alcançada, tornando suas pesquisas mais visíveis.

4 A semiótica da cultura

O programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica constitui-se na única instituição de pós-graduação no país que mantém, há várias décadas, a formação de pesquisadores, mestrandos e doutorandos, em comunicação, prioritariamente dentro de linhas semióticas. O programa contempla, há muitos anos, estudos em três ramos principais da semiótica: a peirciana, a greimasiana e a semiótica da cultura. Esta última alimentou-se, desde os seus primeiros anos, nas pesquisas de Boris Schnaiderman, as quais se expandiram nos trabalhos de Jerusa Pires Ferreira, Irene Machado e outros doutores que se formaram sob suas orientações e que continuaram levando à frente esses estudos. Há alguns anos, Irene Machado migrou da Universidade Católica de São Paulo para a Universidade de São Paulo na qual, sem interrupções, continua a desenvolver pesquisas em semiótica da cultura na linha de suas raízes oriundas da semiótica russa, do Círculo de Bakhtin e da Escola de Tartu, essa ainda bastante ativa e multidisciplinar. É em conceitos tais como sistemas modelizantes, semiosfera, texto, culturologia que a pesquisadora busca algumas das formulações que propõem um caminho especulativo para a compreensão do espaço semiótico como experiência dos sistemas culturais. O caráter sistêmico desses sistemas não se desvincula de processos auto-organizativos e da orientação histórica que rege a cultura e constrói a culturologia. Recentemente, Machado tem se voltado para estudos sobre o espaço semiótico na cinemática dos sistemas audiovisuais a partir do conceito jakobsoniano de tradução inter-

semiótica. A par e iluminado por suas pesquisas pessoais, Machado mantém, na Universidade de São Paulo, um Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação.

5 A semiótica de Umberto Eco

Especialmente em função do grande número de obras de Umberto Eco traduzidas para o português, a sua versão da semiótica tanto geral quanto aplicada aos fenômenos literários e comunicacionais tem tido penetração no Brasil, mas isso não se dá em instituições representativas dessa linha, mas sim a partir de escolhas pessoais de pesquisadores.

6 O grupo de estudos em semiótica da Intercom

A Intercom, a mais importante Associação Brasileira de Estudos da Comunicação, mantém, entre seus grupos de estudos, há muitos anos, um grupo dedicado à Semiótica. As primeiras gestões desse grupo foram realizadas por Eliana Pibernat Antonini, seguida por Lucia Santaella e, então, por Irene Machado. A esta deram prosseguimento Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa e, atualmente, Alexandre Rocha da Silva. Esse grupo se reúne uma vez por ano para debater trabalhos inscritos que são selecionados a partir de pareceres de especialistas. Esses encontros são bastante significativos, pois funcionam como um termômetro para a aferição dos pesquisadores, espalhados por todo o Brasil, que estão ativos no campo da semiótica.

Além disso, são relevantes por colocarem em conjunção e debate estudiosos das mais diversas correntes da semiótica. Distintos, portanto, dos eventos realizados pelos grupos de pesquisa voltados ao estudo de uma das correntes da semiótica, em que as discussões são realizadas entre pares, nos encontros do grupo de pesquisa da Intercom, linhas distintas são colocadas em diálogo e mesmo em confronto de que resultam questionamentos e inquietações que são fundamentais para que um campo de conhecimento se mantenha vivo.

7 Grupos de estudos em Semiótica no Brasil

Recentemente, foi desencadeada uma iniciativa muito relevante encabeçada por Irene Machado, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Alexandre Rocha da Silva e Fábio Sadao Nakagawa. Existe, hoje, um grande número de grupos de pesquisa institucionalmente

cadastrados e credenciados em suas universidades de origem e, em seguida, no CNPq. Esses credenciamentos, além de concederem legitimidade a esses centros, a eles concedem também a necessária visibilidade. A partir de um *insight* bastante oportuno, um verdadeiro tiro na mosca, os semioticistas acima mencionados deram início à realização de Jornadas Anuais dos Grupos de Pesquisa em Semiótica no Brasil, seguidos de um relatório de avaliação dos grupos e da publicação dos trabalhos apresentados pelos grupos de pesquisa. Neste ano de 2016 foi realizado o segundo encontro, com perspectivas de garantida continuidade.

Os eventos pretendem detectar como os estudiosos e grupos de pesquisa em semiótica elaboram “os problemas semióticos” em suas pesquisas e áreas de atuação e como se dá a construção dos objetos de estudo quando mediados por tal formulação. A pretensão, portanto, é aprofundar o debate relativo aos desafios epistemológicos que se colocam quando se entende que:

- a) a semiótica não se limita a ser um método de análise, voltado a desvelar o significado das mais variadas mensagens que circulam pela cultura;
- b) a pesquisa semiótica não é decorrência do signo, mas da semiose (*semeiosis*), ou seja, da ação exercida pelo signo no processo de construção de novos signos e possibilidades de significação.

A primeira Jornada foi realizada na Universidade de São Paulo em 2015. Em 2016, o caldo engrossou pela inserção e aderência de um grupo de universidades na promoção da iniciativa, a saber: grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação (PPG) Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo; do PPG Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; do PPG em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia; do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. O crescimento detectado na passagem do primeiro para o segundo evento permite detectar que essa iniciativa tem tudo para expandir e se multiplicar.

8 A semiótica nos estudos sobre publicidade e consumo

Agrupados em torno dos semioticistas Eneus Trindade e Clotilde Perez, no Departamento de Relações Públicas Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, reúnem-se estudiosos de semiótica voltados para a publicidade, a propaganda, as relações públicas e os fenômenos do mercado e do consumo. Além dos encontros de pesquisa que promove, em que se apresentam pesquisadores de várias partes do Brasil, esse grupo encontra sua representatividade e visibilidade na Revista *Signos do Consumo*.

9 O que a cartografia revela

Embora modesta, a cartografia acima, apenas desenhada em suas linhas mestras, é capaz de revelar que a Semiótica no Brasil continua bastante ativa e, como fruto especialmente dos programas de pós-graduação, em que esses estudos são desenvolvidos, existe hoje um grande número de semioticistas espalhados por todo o Brasil, ministrando aulas em uma série de cursos de graduação como Letras, Literatura, Artes, Arquitetura, Design, Moda, Comunicação em suas várias habilitações e, mais recentemente, Cultura Digital. Muitos alunos dessas graduações, atraídos pela Semiótica, procuram sua formação pós-graduada nesse campo, retornando como professores dos cursos de graduação e assim por diante. Com isso, é a roda viva da Semiótica que não para de girar, mantendo em ação e expansão o seu circuito de conhecimento.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do texto e do discurso no Brasil. **DELTA**: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada, São Paulo, v. 15, n. especial, 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000300008>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

BENSE, Max. **Pequena estética**. Tradução de Haroldo de Campos e outros. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CENTRO DE ESTUDOS DE PRAGMATISMO. **[Portal]**. São Paulo, [20--]. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pragmatismo/>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia. Textos escolhidos de Charles Sanders Peirce.** Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1971.

PEIRCE, C. S. **Charles Sanders Peirce. Escritos coligidos.** Tradução de Armando Mora D'Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores, 36).

PEIRCE, C. S. **Semiótica.** Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SANTAELLA, Lucia. Histórico. In: CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PEIRCIANOS. **[Portal]**. São Paulo, [20--]. Disponível em: <<https://estudospeirceanos.wordpress.com/historico/>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

Memory and perspectives of semiotics in Brazil

Abstract

In Peirce's conception, science is that which living scientists are doing. Therefore, science should not be confused with knowledge already placed on shelves, but rather it refers to that which is in development and in a process of continuity. Taking this concept as its motto, the aim of this article is to draw the lines of force of what the active semioticians are doing to keep alive semiotics as a field of knowledge and research in action in Brazil. For this, the main seeds and some genealogical wires which conducted studies to their current conditions will be sought. Emphasis will be placed in institutions that give shelter and ensure the legitimacy and visibility of the work done by researchers and their groups. Hence the aim is not to raise the specific production, that is, to bring into discussion the bibliographic theoretical content of the work of semioticians both Brazilian and international who had their works translated in the country. It is, rather, to map, putting in relief lines, trends and the different working groups that sprang up at some point of time and had enough strength to remain active, pointing with some security towards their continuity in the future.

Keywords

Memory. Research. Semiotics. Institutions.

Recebido em 17/10/2016

Aceito em 20/10/2016